



A CULTURA NORDESTINA REPRESENTADA POR GRACILIANO RAMOS NA OBRA “ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS

CAROLINE MOEMA DANTAS SANTOS

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da obra “Alexandre e Outros Heróis” de Graciliano Ramos, com o objetivo de ap evidenciam o contexto sociocultural nordestino, os quais reafirmam a importância da formação da identidade regional. A no ano de 1944 pela Editora Leitura, sendo de caráter infanto-juvenil e baseada em histórias do folclore do Nordeste. Pa artigo optou-se por uma metodologia de pesquisa do tipo historiográfico, tendo como referências teóricas os trab: Albuquerque Júnior, Marilene Felinto, Carlos Alberto dos Santos Abel, Rui Mourão, dentre outros que contribuíram de seus estudos sobre vida e obra de Graciliano Ramos. Deste artigo resulta a compreensão de que a obra analisada possi demais produzidas pelo autor, podendo adentrar o âmbito da produção científica e historiográfica interessada aos estudo

Palavras-chave: Nordeste. Literatura. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Este texto foi elaborado a partir de uma análise desenvolvida em 2010 que resultou no trabalho monográfico “Traços Graciliano Ramos: ‘Alexandre e Outros Heróis’ – 1938” (SANTOS, 2010). Da releitura daquela monografia foi p sinteticamente organizado em torno de uma questão: A obra infantil “Alexandre e Outros Heróis” de Graciliano Ram cultural Nordestina?

A obra aqui analisada foi escrita por Graciliano Ramos em 1944, sendo composta por histórias coletadas pelo autor sol reeditada postumamente em 1962 e passou por alterações posteriormente, ficando dividida em três composições Alexandre”, escrita em 1938; “A Terra dos Meninos Pelados”, de 1937; e a “Pequena História da República”, datada de 1 do 53º volume de “Alexandre e Outros Heróis” publicado em 2008 pela Editora Record; um volume escolhido por ser o m e também o mais acessível, reedito sob a supervisão de Wander Melo Miranda, professor titular de Teoria da Literatura (Minas Gerais.

Embora não concebidos como uma obra inteira, os três pequenos livros de que se compõe o volume escolhid “Alexandre” cria pela imaginação um mundo que o compensa da sua penúria em “As Histórias de Alexandre”. “Pirund bem mais ameno que o seu, volta de “A Terra dos Meninos Pelados” e retoma as obrigações no mundo onde é República” reflete bem a luta no plano da atividade intelectual, pois ao descrevê-la Graciliano Ramos não a inventa. Co com sua cidade, Alexandre incita-a e a enfrenta, investigando-a bem detalhadamente com o olho da sua personagem maravilhas, mas o olho torto, atravessado, o de ver claro as coisas. É hábil e herói de grandezas.

Cada livro de Graciliano é diferente do outro, porém cada um é parte duma unidade. Como relata Graciliano em 3 acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço’. Outro fator marcante na escrita de Graciliano é a brevidade c necessário e evidenciando o desencanto e o humor cortante de Graciliano, um exemplo disso é Vidas Secas que v (FELINTO, 1983, p.10)

Perceber aquela obra como uma literatura regionalista é viável ao propósito aqui expresso quando se considei

interpretação. Os trabalhos que fundamentam o texto lembram que as obras de Graciliano Ramos foram produzidas no contexto do Modernismo, algo de suma importância para entender que se trata de uma literatura que reconstitui as questões políticas em prosa. De fato, a literatura é utilizada por muitos escritores da época para descobrir e pensar uma região.

O regionalismo é visto como um elemento da nacionalidade brasileira, desde seus primórdios, quando as enormes distâncias geográficas de povoamento e a rivalidade entre as regiões teria seguido, lado a lado, a animosidade contra a metrópole definiriam, então, por histórias diferentes, grupos espirituais típicos; com usos, heróis e tradições convergentes. (ALBUQUERQUE, 1989)

É característica dos romances regionalistas o resgate das narrativas populares, a memória das narrativas do homem como proposta garantir o não esquecimento do espaço regional, sua paisagem, tipos humanos, relações sociais, símbolo do território estriado pelo poder. Isso é notável em obras de Graciliano Ramos como: “Vidas Secas”, “São Bernardo” e “Angústia”. Na carreira do autor, tais obras abordam com certa frequência temas como seca, latifúndio monocultor e escravidão, relembrando a crise da bolsa de valores de Nova York, a crise cafeeira no Brasil, a Revolução de 1930 e o declínio econômico.

Em “Alexandre e Outros Heróis”, a estrutura da sociedade republicana brasileira possui grande significado para o Nordeste. Carlos Alberto dos Santos Abel (1999) produziu o texto “Graciliano Ramos: cidadão e artista” onde tratou de afirmar: “Graciliano cria que o escritor só podia escrever algo que tivesse mundivivência. Condenava os literatos que tiravam as pessoas sem uma experiência apriorística do assunto narrado.” (ABEL, 1999, p.289).

O objetivo principal neste artigo é analisar a obra infantil intitulada “Alexandre e Outros Heróis” sob o ponto de vista do Nordeste como região na década de 1930 do século passado. As personagens de Graciliano Ramos narram uma história de marginalização a que estava relegado o povo da região que ficou conhecida como Nordeste durante o primeiro período das histórias de seus romances dão acesso às múltiplas representações do Nordeste do Brasil, inclusive a mendicância nordestina vivia durante o governo repressivo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Até onde se sabe, poucos intelectuais se importaram em analisar “Alexandre e Outros Heróis” do ponto de vista histórico. O interesse por analisar outras obras de Graciliano Ramos, o perfil da sua escrita e suas influências na literatura brasileira e na literatura regionalista brasileira, já que é a única obra infantil produzida pelo autor, “Alexandre e Outros Heróis” não é nas obras mais abordadas pelos estudiosos e não deve permanecer relegada ao esquecimento.

Graciliano Ramos dedicou-se a produção daquela obra porque pretendia que alcançasse o interesse das crianças, embora com aversão pelos livros infantis produzidos em sua época, considerados por ele como “coisas pesadas, estopantes e para as crianças não as compreendiam. Assim constituiu um clássico da literatura que merece atenção dos historiadores preocupados com as culturas de modo geral e da cultura nordestina especialmente.

Com o caráter metodológico de uma pesquisa qualitativa, este artigo apresenta esta intenção de reconhecer tal obra e o objeto de estudo importante para compreensão da cultura nordestina, a partir de uma perspectiva da História que se refere aos aspectos que representam uma sociedade.

A História Cultural é ponto de partida da análise, sendo compreendida como uma área no contexto das transformações do mundo Ocidental nas últimas décadas, como apreende Peter Burke que a divide em dois eixos de identificação: como história cultural do século XVIII e como herdeira da tradição historiografia francesa, conhecida como história das mentalidades a partir da década de 1960 (BURKE, 2005).

A história cultural é uma prática historiográfica bastante difundida atualmente, embora o seu sucesso, seus conceitos e sua uniformidade entre os historiadores. O processo de formação da historiografia brasileira está intimamente ligado ao desenvolvimento da história cultural que desconstruiu o interesse pela história dos grandes homens e das grandes datas em favor dos grupos sociais; a história deixou de ser objetiva e passou a estar sujeita às referências sociais e culturais de um determinado período (LANE, 2012). Para Jhonni Langer (2012), os séculos XIX e XX foram influenciados pela história cultural, porém somente no final do século XX passou a ser pensada além das instituições e a história pensada além da política, em função de uma necessidade de reavaliar os escritos e dos registros oficiais.

Assentado em tais pressupostos teóricos e metodológicos, o texto a seguir apresentado encontra-se estruturado com informações e sua forma de escrever aos seus heróis, representantes da cultura regional, com todos os elementos que a identificam, incluindo a oralidade.

2. De Graciliano Ramos a “Alexandre e Outros Heróis”: a cultura regional nordestina

Provavelmente, a brutalidade tenha marcado Graciliano Ramos, tornando-o homem e autor áspero, como as personagens e as relações conflituosas e agressivas da infância, inclusive com a sua mãe, a submissão e a intolerância que lhe a

emprestado os traços característicos das personagens de suas histórias. Figuras solitárias são típicas nas obras clássicas: “Angústia” (1936), “A Terra dos Meninos Pelados” (1937), “Vidas Secas” (1938) e “Infância” (1945).

Wander Miranda (2004) observa que a literatura e a experiência se confundem na obra de Graciliano Ramos como se trama comum e se revelam sob a forma de sinceridade e ausência de amor que lhe são tão características. Seria “(...) ‘amor’, que se comparado a um banquete pode-se dizer que era como mesa de pobre, só existia em cuias mingoadas e substituído por outros, como pena e o ciúme (FELINTO, 1983).

Aquela urdidura transformaram o alagoano Graciliano Ramos, nascido em Quebrangulo no ano de 1892, em um grande nome estudou em Maceió e não chegou a cursar nenhuma faculdade, mas se fez prefeito em Palmeira dos Índios (AL), onde Graciliano Ramos só entrou na política por ver nela uma saída para suas necessidades financeiras, ele foi convencido por amigos que tinha em diferentes grupos políticos, não teve adversário, o seu nome era consenso em todas as indicações (MORAES, 2007)

O jornalismo foi uma opção. Ele dirigiu a “Imprensa Oficial” e a Instrução do Estado de Alagoas em 1930, onde sempre se ocupou dos problemas do ensino no Brasil. No Rio de Janeiro chegou a ser revisor de jornais como “Correio da Manhã”. Preso em ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), quando solto, filiou-se realmente em 1945 ao Comunismo, aos socialistas. Faleceu na capital carioca, vítima de câncer, no ano de 1953, já consagrado como romancista. (MORAES, 2007) A escrita de Graciliano Ramos é enxuta, sem muitos adjetivos ou qualquer palavra que alongue demais suas frases. As personagens são figuras marcantes do contexto social brasileiro da década de 1930, o que vem evidenciar mais uma vez a obra de Graciliano Ramos, baseada na construção de uma cultura regional. É acessível a um perfil diversificado de leitor, sem melindres e vivência. Segundo RAMOS (1952) citado por MIRANDA (2004, p. 8), “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sei. Pode-se mesmo vislumbrar um caráter autobiográfico na sua obra, apesar dessa visão parecer restrita e limitada à subjetividade particular do autor; mas, no momento em que a obra é desvendada pelo leitor, a subjetividade transforma-se em realidade, além da utilização de suas experiências, Graciliano Ramos também enriquece sua literatura com fatos históricos que novas elaborações.

A riqueza integral da obra de Graciliano Ramos só pode ser entendida na medida em que verificamos a sua íntima relação com a época. A estilização pela palavra, aqui, é ato extremamente sério no sentido de que não pretende ser mero fenômeno inserido no processo global da realidade, como concretização que se constitui em elemento válido para a compreensão da realidade histórica. (MOURÃO, 1971, p. 135).

As impossíveis histórias da personagem Alexandre encantam os leitores de Graciliano Ramos não apenas pela ludicidade mas também pelas evidências da conjuntura sociocultural. De uma forma ou de outra, personagens e autor se identificam com a realidade declarada que atingia o Nordeste do Brasil, assim como na magia e arte popular. Ao utilizar histórias do folclore, Graciliano Ramos compõe uma obra extremamente representativa do período republicano brasileiro. Sobre os romances regionais de Graciliano Ramos, Rui Mourão diz:

(...) O conjunto de obras mais válido do romance nordestino de 30 não se comprometerá com a mera visão lúdica da realidade, mas com a denúncia a feição mais imediatamente reconhecível, o que o desloca da área de influência de Gilberto Freyre, pouco sério e decisivo de Euclides da Cunha. No esforço de levantamento crítico da problemática regional, ninguém se aproximou da alta contundência da arte de Graciliano Ramos, que sempre se conservará fiel a uma pesquisa de essência. (MOURÃO, 1971, p. 144 e 145)

Ele definiu a história da vida de Alexandre e das outras personagens em dois tempos, o tempo em que se conta a história da personagem Alexandre, ou seja, o tempo em que acontecem as histórias contadas por ele. Mesmo com essa divisão da história, fica evidente a análise histórica que Graciliano Ramos faz dentro da obra. Em “Alexandre e Outros”, a vida decadente é apresentada para o leitor e junto com ele está o representante da classe menos favorecida, o qual tenta provar a vida próspera que já teve um dia.

A vida que Alexandre deixou para trás esclarece a relação entre o tempo da personagem e do autor, da realidade social em que Graciliano Ramos estava inserido e que é investigada neste artigo. São os anos de 1930, época da política conhecida como Café com Leite, pelo revezamento dos Estados de São Paulo e Minas Gerais com um de seus representantes no poder. Diferentemente do que ocorreu na região sul e sudeste do Brasil, a burguesia agrária nordestina tinha interesse em enfatizar a permanência do sistema político. A estrutura colonial, sustentada pelos proprietários de terra, continuava imperante no país, mas um fato havia surgido e se encaminhado que para o futuro, seria irreversível: as concentrações urbanas começavam a ganhar importância, as massas operárias perfeitamente caracterizadas e à medida em que a classe média, que sempre tivera seus interesses defendidos pela aristocracia rural, ampliando-se consideravelmente, ganhava autonomia em suas posições. (MOURÃO, 1971, p. 136).

O Governo de Getúlio Vargas estava configurado e ações opressoras à sociedade brasileira davam vazão ao processo central brasileiro. Movimentos como, a Revolução Constitucionalista de 1932, a Intentona Comunista foram exemplos que demonstraram a insatisfação da população. Sobre a sociedade e política no Brasil de 1930, Albuquerque Júnior, afirma: A década de trinta é um momento de intensa disputa entre os diferentes projetos ideológicos e intelectuais para o

organizações e instituições como a Ação Integralista Brasileira, o Partido Comunista, a Aliança Nacional Libertadora, ideólogos travam uma intensa batalha em torno da atribuição de um novo sentido a história do país, à nação e ao se literatura se converte no meio de luta importante, para se impor como uma visão e como uma fala sobre o real, [...] (2009, p. 234.)

As histórias de “Alexandre e outros Heróis” se passam, justamente, no sertão de Alagoas, terra natal do autor, em indeterminado, mas perfeitamente possível de ser contextualizado pelas vivências de Graciliano Ramos. A ficção integrando o contexto das relações sociais e culturais estabelecidas regionalmente, porque o autor explora várias fas principal, desde a adolescência até a fase adulta, para descrever o Nordeste de 1930.

Na descrição do cenário da obra analisada percebe-se isso: uma fazenda com uma casa em ruínas e dentro dela m pobres sem nenhum brilhantismo político. Um filho de fazendeiro arruinado pela cobrança de impostos do governo rep sua mocidade que apesar de serem peripécias duvidosas demonstram a riqueza que um dia ele teve.

Protagonista das tramas, Alexandre tem uma presença central, mas contracena especialmente com Cesária, a sua espos demais personagens: a rezadeira Das Dores, afilhada do casal; Seu Libório, cantador de emboladas; Mestre Gaudêncio, preto Firmino. Evidentemente importante é o papel do cego preto Firmino que agrega todas as características de um an aquele que vai obstaculizar a travessia do protagonista no alcançar seu objetivo (ABEL, 1999, p.265”).

O cego preto Firmino, como os outros ouvintes, está sempre atento às histórias de Alexandre, porém, a magia e os narrador utiliza para contar seus “melindrosos causos” parecem não surtir efeito com o cego que não deixa nenhum ávidos ouvidos, os quais parecem estar sempre esperando uma brecha que lhe permitiria interferir na narrativa de Alexandre. O protagonista e o antagonista resulta num choque, que forma o conflito da narrativa.

Das Dores, Gaudêncio e Seu Libório são coadjuvantes com participação reduzida e também fundamental na narri coadjuvantes colaboram a todo o momento com a protagonista, pois a palavra de Alexandre é ouvida com grande resp interesse de Alexandre pela sua própria história aliado a sua oratória prendem as personagens e também o leitor e fazem impressão de participarem da história. Alexandre envolve o leitor em seus causos cômicos e melindrosos, contando co coadjuvantes que tornam suas histórias ainda mais interessantes.

Graciliano Ramos deseja justamente envolver o seu leitor nos enredos inverossímeis e, portanto, pertencentes ao âmbito de Alexandre locutor das histórias há o narrador, uma figura sobre a qual muito se discute, disfarçado na figura da sua são escritas em terceira pessoa, impondo o distanciamento da objetividade, contando com personagens que se exibem mas, não oferecem espaço para os que queiram compreendê-los.

O leitor de Graciliano Ramos, certamente, usa a sua autonomia para desviar, alterar aquilo que o livro lhe pretende impc atingir com os seus objetivos (ABEL, 1999). Porém, a liberdade leitora jamais é absoluta por serem os hábitos e conv leitura capazes de limitar as interpretações devido as mudanças que operam os gestos nos tempos e lugares, assim cc de ler (CHARTIER, 2008).

É claro que no contexto de livros e autores, o leitor será sempre um privilegiado, pois a leitura permite a descobe significados, a transformação; o leitor é um caçador que percorre terras desconhecidas, atribuindo significados ao atribuídos pelo autor, editor, comentador (CHARTIER, 2008). Isso não reduzirá nunca a importância do objeto “livro” par de modo geral.

“Alexandre e Outros Heróis” conserva as expressões dadas a ler que efetivamente representam a realidade cultural no diz respeito à linguagem. O autor tinha consciência da força fundadora da linguagem, de sua capacidade de instauração e dizer a sociedade e o espaço regional, tendo efetivamente representado a oralidade e sua transformação no livrc planejado.

2. 1 - A oralidade conservada na obra “Alexandre e Outros Heróis”

Em “Alexandre e Outros Heróis” o narrador utiliza-se da memória para contar as mirabolantes histórias de sua adoles recomposição da vida pela linguagem, na forma escrita.

A memória não é um recurso que abriga as personagens de certezas e verdades incontestáveis, muito pelo contrário, e si, resulta numa construção móvel e aleatória, fruto de um saber precário e provisório nas suas conclusões e descrent suas premissas. (MIRANDA, 2004, p. 10).

Provavelmente por ser a memória contraditória e não conduzir a uma verdade apaziguadora, Graciliano Ramos utiliza-s de esquecimento da história oficial, tecendo com as ideias e imagens do presente a experiência do passado que se (MIRANDA, 2004). Assim destrói uma memória reprimida e inconformada com a mudança dos padrões sociais da época terra e de gado, aos vaqueiros, soldados e até mesmo aos pequenos negociantes ou lavradores cuja cultura é própria da

Graciliano Ramos traz à tona a memória dos desempregados que vivem à margem de uma sociedade produtiva, (uma recantador de emboladas e até mesmo um mendigo); enfim, destaca a memória dos filhos de burgueses falidos.

Sua obra faz uma crítica impiedosa de sua própria condição social. Seus personagens são, em sua maioria, filhos empobrecidos, cuja única oportunidade de sobreviver é o exercício do emprego público, conseguido de favor; pessoas da pequena burguesia, filhos de comerciantes das cidades do interior e intelectuais de província, que vivem sob a dependência dos poderosos e vivem para eles se curvando. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p.232).

As personagens são representações do homem comum que convive com classes superiores, mas permanece na miséria social só aumentam seus problemas. É o herói problemático que não aceita o mundo que o reprime e acaba por não briga interna que só compete com a opressão e a dor da realidade massacrante.

“Alexandre e Outros Heróis” é um livro formado por contos brasileiros, mais precisamente do Estado de Alagoas que trata de conversa, meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro, já velho, chamado Alexandre, que vivia antigamente no sertão do torto e falava cuspidor, espumando como um sapo - cururu, mas, isto não impedia que os moradores da redondeza até fossem ouvir as histórias fanhosas que ele contava.

As suas histórias não são originais, mas coletadas dentre aquelas que circulavam oralmente no contexto nordestino, o que de elementos da vivência histórica e pessoal do autor, numa tentativa de imprimir maior autenticidade ao testemunho que apresenta a favor da oralidade com a tentativa de contar histórias para crianças; histórias que fazem parte do folclore inseridas no contexto social do Nordeste.

Ele busca escapar dos enunciados e imagens-chavões do discurso oficial; busca ridicularizar a língua sonora, gorgolejando compostos, tão enfeitada quanto cruz de beira de estrada, onde as palavras em desuso parecem ter mais valor. A língua branca como toucinho cru. Isso não significa, no entanto, que incorporasse a linguagem popular sem um trabalho crítico narrativas populares também deviam ser expurgadas de sua aderência à ideologia dominante. O empolamento da linguagem indigência da fala popular faziam parte da reprodução das relações de dominação que seu trabalho com a palavra quer (JUNIOR, 2006, p.231)

O autor busca fugir da linguagem dos burgueses para enveredar pela indigência da fala popular; mas não sem cuidado meio de um trabalho crítico em relação à forma que aborda. A personagem Alexandre sempre tenta sustentar a sua dignidade o cercam, embora os excessos verbais representem sempre um risco por ele ser um mentiroso nato, que é facilmente devido à grande eloquência e imaginação fértil que possui. Sem contar com a notável consideração que ele desfruta de Alexandre coloca-se numa condição superior e intocável no tocante às contestações de qualquer um de seus ouvintes.

As histórias melindrosas e aventureiras são praticamente compostas por diálogos, sendo legitimadas pelos fiéis verdadeiras necessidades em escutar aquelas palavras encantadas do discurso de Alexandre. O discurso parece atender às exigências da plateia porque a personagem realmente procura enfeitar a sua narração a fim de sustentar o seu público com suas histórias.

Por estarem inseridas em uma condição de marginalização social, as personagens buscam nas histórias de Alexandre com a imaginação. A fixação pelo passado, por uma ideia de querer sempre viver uma emoção perdida, também é uma característica dos regionalistas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Alexandre e Outros Heróis” de Graciliano Ramos é uma obra que remete a cultura nordestina do período republicano cenário de desestruturação política e social e reconstitui a história regional a partir da oralidade que se apresenta com a cultura local.

Perceber como a cultura nordestina se apresenta naquela obra foi o objetivo principal deste artigo, o qual é atingido à medida que o caráter regionalista e reconhece os elementos folclóricos e os fatos sociais que a compõem como elementos de uma cultura são constituídas por personagens que podem muito bem ser identificadas com o homem comum nordestino que convive com a miséria. É o homem pobre que vive as mazelas da República representada na descrição do cenário da fazenda em ruínas. Por fim, é o homem cheio de conversa, meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro e velho – o sertão grotesco e até mentiroso, embora digno de respeito por sua eloquência e por seu entusiasmo.

Em busca do objetivo, foram aplicados os fundamentos teóricos e metodológicos da História Cultural, que por serem heranças e tradições privilegiam objetos, domínios e métodos distintos. Questões relacionadas à cultura popular, às práticas e à linguagem interessam aos historiadores desta abordagem, de modo que neste texto as questões do imaginário explicitam as matrizes que geram as práticas sociais e os comportamentos. De fato, toda prática social é produzida por representações

podem ser também lidas culturalmente. Sendo assim, as narrativas do passado tiveram aqui o papel de construir uma a partir da nova história cultural uma história da cultura nordestina.

Apesar das contradições características das diversas teorias que constroem a nova história cultural, ela sempre contribuições extremamente importantes para a historiografia e, por isso, serviu para compreender Graciliano Ramos (nacionalmente por seus estudos regionalistas. Do ponto de vista da sua produção infantil, esse autor ainda é pouco ab literária apresente diversos elementos da cultura regional nordestina, não somente os aspectos políticos, econômicos e Outros Heróis” ele inova porque reúne as expressões linguísticas que efetivamente representam a realidade nordest experiência de vida. De forma consciente, ele mostra a força fundadora da linguagem, de sua capacidade de instauração e dizer a sociedade e o espaço regional.

Aquela é uma obra de contos brasileiros, de histórias coletadas no contexto da oralidade, da vivência pessoal do au Estado de Alagoas. Todos os espectadores de Alexandre, sejam as personagens ou os leitores da obra, flutuam entre sem perder de vista o fato de estarem situados em um dado contexto sócio-político.

Ainda que em formato e gênero pouco usuais na produção literária do autor, os contos para o público infanto-juvenil “ mostram as mesmas preocupações dos outros textos de Graciliano Ramos: a descrença na justiça e na política; a luta arcaicas com as forças urbanas modernizadoras; a denúncia da miséria; a aversão ao capitalismo; a irritação com o uso e Pesquisar profundamente a obra “Alexandre e Outros Heróis” de Graciliano Ramos é tarefa necessária e ainda por fa: valor como artefato da cultura que comporta importantes discussões sobre a oralidade e sobre o Nordeste brasileiro, pedagógico que os livros - mesmo aqueles de personagens hiperbólicos como o herói das narrativas aqui analisadas - de História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste: e outras artes**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zah CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **A História Contada: capítulos de História Social da Janeiro: Nova Fronteira, 1998. – História do Brasil.**
- FELINTO, Marilene. **Graciliano Ramos: outros heróis**. São Paul: Editora Brasiliense, 1983.
- LANGER, Jhonni. A Nova História Cultural: origens, conceitos e críticas <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=186>>. Acesso em: 13 de maio de 2015.
- MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Publifolha, 2004. (Folha Explica).
- MORAES, Dênis. **Graciliano Ramos: prefeito revolucionário**. <http://www.pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=341:graciliano-prefeito-revolucionario&catid=1> Acesso em: 11 de maio de 2015.
- MORAES, Dênis. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2012.
- MOURÃO, Rui. **Estruturas, ensaios sobre o romance de Graciliano**. Rio de Janeiro, Arquivo Editora e Distribuidora, 19 RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. 53ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SANTOS, C. M. D. **Traços da oralidade no texto de Graciliano Ramos: “Alexandre e Outros Heróis” (1938)**. São Cristó SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira fase da República: Brasiliense, 1983.**

FONTES

RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. 53ª ed. ed.- Rio de Janeiro: Record, 2008.

professora.moemadantas@gmail.com

Recebido em: 07/07/2015

Aprovado em: 07/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: